



NA PROVÍNCIA de Iwate, no devastado nordeste japonês, um barco desafia a gravidade ao permanecer no topo de um edifício

País sofre com exageros da mídia estrangeira

Pânico coletivo e postura da imprensa japonesa ajudam a dar tom catastrófico à crise

Claudia Sarmento

Correspondente

● OSAKA, Japão. “Tóquio está coberta por uma nuvem radioativa que atravessará o Pacífico”. “Um novo tremor gigante desencadeará a erupção do Monte Fuji”. “Um reator nuclear no bairro de Shibuya, coração fashion de Tóquio, está ameaçado”. “A radiação chegará à França”. Manchetes sensacionalistas publicadas nos últimos dias — principalmente na imprensa estrangeira — têm ajudado a espalhar um pânico mundial em relação à crise no Japão, que é muito grave, mas não apocalíptica como sugeriram alguns veículos desde o terremoto do dia 11. Acostumados a um tom jornalístico mais moderado — e, em geral, mais oficialista — os japoneses declararam guerra a exageros de meios de comunicação que, acreditam, estão incentivando a fuga em massa e destruindo a imagem do país.

Internautas criaram um site — o Mural da Vergonha Jornalística — onde reúnem dezenas de reportagens consideradas especulativas ou irresponsáveis, além de erros graves, como o cometido pela Fox News. A rede americana identificou uma casa noturna no centro de Tóquio, Shibuya Eggman, como uma usina nuclear.

Especialistas em mídia reconhecem que o catastrofismo não ajuda ninguém numa hora como esta, mas lembram que a tradicional falta de independência da imprensa japonesa tampouco permite que a população se sinta bem informada.

— Houve uma tendência ao exagero na imprensa estrangeira. Na Europa, por exemplo, a crise é tratada como se fosse o fim do mundo. Mas o governo japonês não sabe se comunicar com o público dentro ou fora do Japão e acredito que as embaixadas deveriam realizar entrevistas coletivas para manter seus cidadãos a par dos acontecimentos de uma maneira transparente — diz o presidente do Clube dos Correspondentes Estrangeiros no Japão, o suíço George Baumgartner.

Segundo ele, com algumas poucas exceções, os japoneses também não confiam na mídia tradicional de seu país e acabam recorrendo a informações que consideram mais independentes na internet. Dividida em grupos setorizados — os chamados “kisha clubs”, abertos apenas para funcionários de grandes empresas de comunicação nacionais — a imprensa japonesa se viu sem credibilidade no meio de uma crise em que as autoridades são acusadas de lentidão na divulgação dos fatos, parecendo muito otimista e ingênua

em comparação aos relatos de repórteres estrangeiros.

— A imprensa japonesa depende, principalmente, das declarações do Gabinete e da Tepco (Tokyo Electric Power). É importante evitar o pânico, mas deixar de relatar os fatos também não é a resposta correta para evitar confusão — avalia Keiko Kanai, professora de jornalismo da Universidade Kinki, em Osaka.

Para ela, com exceção dos veículos que optaram por coberturas puramente sensacionalistas, a imprensa internacional tem conseguido ouvir um número maior de fontes, sem medo de relatar quais poderiam ser as consequências mais graves do acidente em Fukushima. Essa visão pessimista pode ter levado a interpretações extremas de governos ocidentais e residentes de Tóquio, que chegaram a fugir do Japão com a roupa do corpo.

Keiko defende os relatos que não são escandalosos, mas tampouco subestimam a realidade da crise nuclear:

— Ao admitir que o pior dos cenários não está descartado, os meios de comunicação ocidentais vêm fornecendo ao público informações suficientes para que trace planos para o futuro. Acredito que muitos japoneses estão sentindo falta disso agora — avaliou a professora e ex-repórter.